

A VIDA E A ARTE DE UM MULTIMÍDIA DA RENASCENÇA

O pouco conhecido médico, filósofo, matemático, físico e escritor Girolamo Cardano foi um clássico exemplo da alma renascentista, sempre voltada para as mil e uma facetas do conhecimento humano

Por Rose Mercatelli



Raul Emerich na Sociedade Histórica Lombarda

Quando a América foi descoberta pelo navegador genovês Cristovão Colombo em 1492, a Itália vivia uma fase de plena efervescência cultural comandada por artistas, filósofos, matemáticos e inventores de todos os matizes. Durante o período que ficou conhecido como *Quattrocento* (século 15), o movimento renascentista se espalhou por toda a Península Italiana, atingindo seu ápice durante os anos em que Lorenzo di Médici, o Magnífico, dirigia Florença que, com Siena, era considerada o centro da cultura italiana.

É bem verdade também que, apesar de todo o seu esplendor cultural e artístico, o país também contava com uma elevada cota de sofrimentos por causa da peste que, de tempos em tempos, dizimava vilas inteiras, trazendo dor e fome para as cidades e o campo.

Quando a doença dava uma trégua, era a vez das guerras maltratarem ainda mais uma Itália dividida em cidades poderosas, como Milão e Veneza que, governadas pela nobreza local, eram disputadas por reis estrangeiros apoia-

dos pelo papa da vez, trazendo ainda mais desalento para um povo caído por tanta perda.

O sofrimento e a desesperança no poder da Igreja, que dominava pela fé e pelo medo as camadas mais populares, serviram de base para o florescimento das ideias de Martinho Lutero, sacerdote católico agostiniano, nascido na Saxônia, professor de teologia em Wittenberg, Alemanha, que deu início à Reforma Protestante surgida por volta da segunda década do século 16.



Cardano



Roma em 1575

O HOMEM QUE SABIA DEMAIS

E foi durante esse tempo, no qual tudo era possível acontecer, mais exatamente no ano 1501 da encarnação do Senhor, que veio ao mundo Girolamo Cardano. Filho bastardo do juriconsulto, matemático e professor universitário Fazio Cardano, o pequeno Girolamo, mirrado e doente, cresceu separado da mãe até os 4 anos. Mas desde a primeira infância, demonstrou um talento precoce para os estudos. Na adolescência, já se mostrava um profundo conhecedor de Astrologia, arte popularíssima entre os matemáticos, filósofos e médicos renascentistas. Na época, não havia um cientista sequer que não soubesse fazer o mapa astral.

Cardano logo também revelou sua invulgar aptidão para as disciplinas ligadas às ciências naturais e à Matemática. Tanto que, no início da idade adulta, decidiu-se pela medicina, para a decepção de seu pai, que o queria juriconsulto e um doutor em leis como ele.

Na universidade, era tido entre colegas e professores como um estudante brilhante, porém também rejeitado por ser muito crítico. Como ele mesmo confessou em sua autobiografia *De Vita Propria Liber* (*O Livro da Minha Vida*): “Isto reconheço eu como único e grandioso entre as minhas falhas – o hábito, no qual persisto, de preferir dizer, acima de todas as coisas o que sei ser desagradável aos ouvidos dos meus ouvintes. Estou ciente disto, no entanto, mantenho com vontade, de todo ignorante de quantos inimigos isto me traz.”



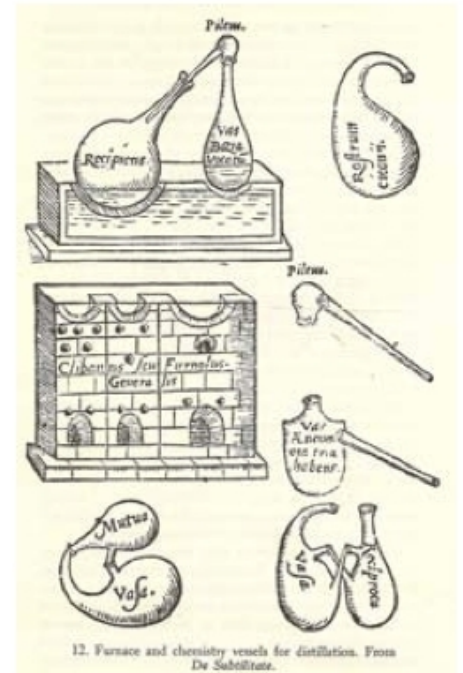
26. The wheel of fortune. From Georg Reich, *Margarita Philosophica* (1505).

A TEORIA DAS PROBABILIDADES

Como também confessou em suas memórias, Cardano foi durante muitos anos um jogador inveterado. Mas sua curiosidade matemática não o deixava se concentrar na partida. Ele jogava e ao mesmo tempo estudava o curso de jogos com dados, gamão, cartas, astrágalos e até das peças de xadrez. Em sua obra, *O Livro dos Jogos de Azar*, trata tanto de questões matemáticas –

ele foi considerado o pai da teoria da probabilidade – quanto do perfil psicológico dos viciados em jogos como ele.

Girolamo fez seu doutorado em Medicina na Universidade de Pádua (1525-1534). Entretanto, como médico, sua car-



12. Furnace and chemistry vessels for distillation. From *De Subtilitate*.

Desenhos do livro De Subtilitate

reira foi cheia de altos e baixos, repleta de fases difíceis. Por não ser bem aceito por seus pares devido ao seu temperamento arrogante e sua mente inquiridora, por diversas vezes, teve rejeitada sua candidatura ao colégio de médicos de várias cidades por onde clinicou.

Ainda assim, conseguiu ser bem sucedido junto aos pacientes. Por conta de algumas curas consideradas quase milagrosas, chegou a destacar-se como um dos cientistas de vanguarda de seu tempo. Foi ele, por exemplo, quem descreveu com



precisão pela primeira vez o tifo exantemático. Sua fama ultrapassou as fronteiras da Itália a ponto de ser convidado para tratar pacientes no exterior como o arcebispo de St. Andrews, na Escócia.

UM EGO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA

É certo que o médico renascentista, ao longo de sua vida, sofreu com doenças, maus tratos psicológicos e desafe-

tos. Porém, aparentemente, sua autoimagem passou incólume por rejeições e perseguições, tanto como homem, médico ou acadêmico, como revela em alguns trechos de sua autobiografia: *“A natureza dotou-me de um espírito filosófico e apto para o estudo das ciências; sou engenhoso, elegante, sensual, piedoso, fiel, amigo da sabedoria, reflexivo, empenhoso, entusiasta, inventivo. Tudo o que aprendi foi por mim mesmo...”*

Em contrapartida, ele conhecia como ninguém suas próprias mazelas e fraquezas. Nada escapava de seu agudo senso crítico. Não poupava a si mesmo e nem a sociedade onde viveu. Ele escreveu: *“Sinto desprezo pela religião. Sou vingativo, triste, traiçoeiro, gosto de magia, dos encantamentos; sinto-me dedicado, sou cruel com os meus, retraído, antipático, severo, zeloso: tais são as grandes contradições do meu caráter e dos meus costumes...”*



Perseguido e condenado pela Inquisição em 1570, depois de ter publicado o horóscopo de Cristo, ficou preso durante meses. No ano seguinte, instalou-se em Roma e, tempos depois, não por acaso, o médico, matemático, físico, astrólogo e autor de mais de cem livros sobre vários assuntos, caiu nas boas graças do papa Gregório XIII, o próprio criador do calendário gregoriano, usado pelo mundo ocidental até hoje, de quem obteve uma renda vitalícia até sua morte em 1576.

UMA VIAGEM NO TEMPO

“Girolamo Cardano foi um homem muito à frente de sua época”, diz à revista *Leituras da História* o médico Raul Emerich, especialista em alergias e pediatria, pesquisador associado da Disciplina Alergia-Imunologia da UNIFESP e membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina. Autor dos livros *História e Alergia* e o *Teatro no Âmbito Familiar*, ambos da Editora Lettera, além de inúmeros artigos

especializados em Medicina dirigidos ao público leigo, Raul Emerich estreou recentemente na ficção com *Cardano – Ascensão, Tragédia e Glória na Renascença Italiana*, da Editora Record.

Porém, mais do que uma biografia do médico, o livro é uma surpreendente viagem no tempo de volta à Itália renascentista. Em cada página, o leitor tem a oportunidade de “encontrar” personagens famosos como Leonardo da Vinci, Nicolló



Entrada da Universidade em Milão

Machiavel e Martinho Lutero, além de se deslumbrar com as artes, a ciência, as descobertas, a filosofia e o cotidiano dos intelectuais e dos homens comuns que viveram em um dos períodos mais fascinantes da história da humanidade.

Assim como o do colega renascentista, o seu interesse pelo conhecimento humano vai muito além da medicina. Apaixonado por história, Raul Emerich conta à revista *Leituras da História* um pouco mais sobre a vida e a obra de um dos mais importantes homens de seu tempo.

Leituras da História – O que o levou a se interessar pela vida de um médico renascentista pouco conhecido?

Raul Emerich – Eu estava escrevendo um ensaio sobre o tema Felicidade quando, ao pesquisar sobre o assunto,

deparei-me com a história de Cardano. Dias depois, por acaso, encontrei em um artigo científico um comentário sobre um tratamento de um caso de asma praticado no século 16 pelo mesmo médico. Como sou alergista e a asma é um quadro comum no meu consultório, não resisti à feliz coincidência e resolvi me aprofundar mais nas pesquisas. Também percebi que, ao citar seu nome em minhas aulas, ele era quase um completo desconhecido. Foi aí que me senti compelido a escrever meu primeiro romance histórico. O tema Felicidade, então, começou a fazer parte de um enredo maior. O próprio Cardano, em sua autobiografia, dedicou um capítulo a esse tema com o título *Felicitas*.

LH – Entre pesquisas, aulas, consultório, como foi sua vida durante o

tempo em que escreveu a biografia de Girolamo Cardano?

Emerich – Durante quase um ano começava a escrever às 4h da manhã. Foi o jeito que encontrei para tocar o projeto. Minha inspiração foi o escritor Josué Montello que também só escrevia nesse horário, até porque sofria de insônia, o que não é meu caso. Tive que me disciplinar a acordar todos os dias bem cedo para escrever. E descobri que a madrugada é silenciosa e por isso o trabalho rende mais. Além de escrever, tinha de pesquisar muito. Cada informação precisava ser checada às vezes em várias fontes. Levei meses vivendo nesse ritmo, até nas férias. Mas valeu a pena.

LH – Diferente de suas outras obras, seu último livro é um romance, ainda que embasado em uma extensa pesquisa histórica. Qual o motivo de sua escolha por esse gênero?

Emerich – Como não sou historiador, não caberia escrever uma biografia histórica. Além disso, como escritor de ficção, pude me permitir usar de licença poética para preencher os vazios da própria história e criar situações sobre as quais não existem registro, mas que podem ter acontecido da forma como as descrevi. É o caso da personagem Chiara Micheri, mãe de Cardano. Não há praticamente nada sobre ela nas biografias que consultei, a não ser que era viúva, mãe de três crianças, antes de conhecer o juriconsulto Fazio Cardano, de quem engravidou sem ser casada legalmente, o que era um escândalo para a sociedade da época. No livro, Chiara, depois de dar à luz a Girolamo, apresenta sinais do que hoje talvez fosse diagnosticado como depressão. Ainda que não haja provas sobre isso, é possível que a Chiara real fosse muito semelhante à minha personagem melancólica. Ela perdeu três filhos devido à peste, um em seguida do outro, foi afastada por quatro anos de seu último bebê, logo após seu nascimento. Então, seria razoável que uma mulher que viveu experiências fortíssimas, que marcam uma vida inteira, apresentasse problemas emocionais. Ele, como consequência, também deve ter sofrido os efeitos dessa separação e de certa frieza no trato por parte de sua mãe.

LH – Cardano foi contemporâneo de grandes nomes como Leonardo da Vinci, Michelangelo e Nostradamus. Acredita que o fato de ter vivido durante o período renascentista o ajudou a se tornar um homem de múltiplos talentos?

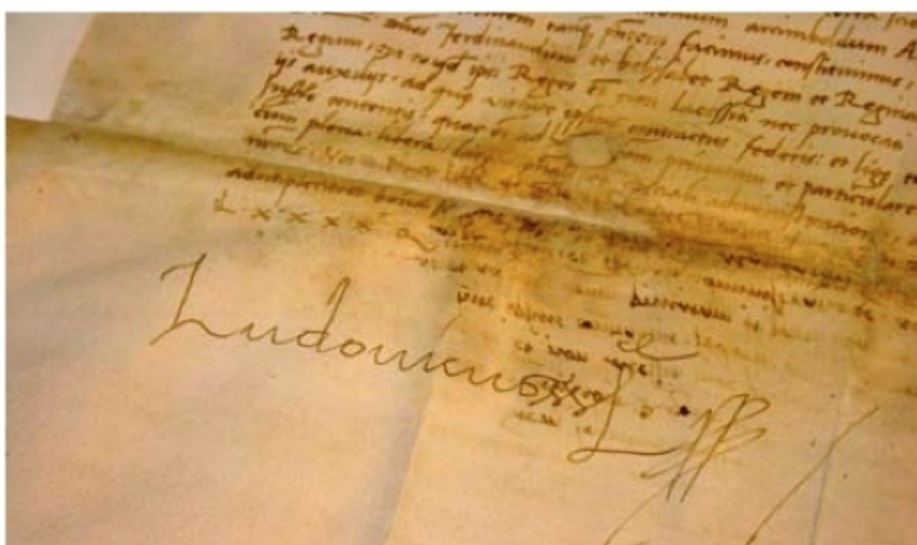
Emerich – Sem dúvida. O Renascimento foi um período mágico. O mundo moderno, no conceito em que empregamos hoje, começou naquele momento. Foi por essa época que nasceu o livro, um enorme impulso para a disseminação do conhecimento em várias áreas. Foi por aí também que a ciência surgiu como fruto da observação e repetição, quando se deu a ruptura religiosa a partir da divulgação das ideias de Martinho Lutero e os primeiros passos para a globalização após a descoberta de novos continentes. Claro que os grandes nomes nas artes e nas ciências apontaram no Renascimento porque havia um contexto e um espaço que propiciava o seu surgimento. De todo modo, não há como negar que existe um fascínio irresistível em escrever sobre um personagem que não apenas viu Da Vinci, mas teve um pai que foi consultado pelo próprio gênio. Mais que isso, Cardano foi um personagem real que visitou o rei da Inglaterra e, ainda por cima, escreveu um livro que influenciou Shakespeare. Além de rica, sua história foi surpreendente.

LH – Seu livro apresenta algumas questões muito atuais, como a apropriação indébita da produção intelectual, popularmente conhecida como pirataria. Isso aconteceu mesmo?

Emerich – Sem dúvida. A Renascença foi o início de uma época voltada para a informação e a disseminação do conhecimento por meio do livro impresso, que surgiu a partir da invenção da imprensa de Gutenberg no século 15. Pela primeira vez, a memória dos escritores e o conteúdo de suas obras não estavam mais nas mãos dos escribas que podiam modificar o texto segundo suas convicções. Porém, a partir da invenção de uma máquina que poderia tirar muitas cópias iguais, surgiu também a questão do direito autoral que até então não existia. Antes, se um pintor fizesse uma cópia perfeita de um quadro de Da Vinci,



Livro original de Cardano – séc XVI



Assinatura de Ludovico, duque de Milão, no final do século XV

ele não seria considerado um falsificador como hoje, mais um artista tão bom quanto o próprio Leonardo. Mas, com a máquina impressora, chegaram também as múltiplas cópias sem autorização. A cidade de Lyon, por exemplo, tornou-se um centro de livros copiados em prensa de metal até com selo falsificado do impressor verdadeiro. Eu mesmo tive em mãos um exemplar de um livro de Cardano que era uma autêntica cópia não autorizada nem pelo autor, nem por seu editor. Mas que também não deixa de ser atualmente uma raridade.

LH – Por fim, qual a característica do seu biografado que mais o impressionou?

Emerich – Com certeza, foi o seu olhar diferenciado para as pessoas portadoras de deficiências. Para Cardano,

era inconcebível a ideia que um cego ou um deficiente auditivo não pudessem ser consideradas tão produtivas e talentosas quanto qualquer outra pessoa que enxergasse ou ouvisse, como ele próprio. “Uma pessoa é a sua mente”, ele escreveu séculos antes do nascimento de um gênio como Stephen William Hawking, o astrofísico inglês, consagrado como um dos maiores cientistas da atualidade. Portador de uma doença degenerativa que o fez perder todos os movimentos do corpo sem, entretanto, atingir as funções cerebrais, Hawking é a prova mais contundente que Cardano foi realmente um homem muito além do seu próprio tempo. Talvez por isso tenha sido tão mal compreendido por seus contemporâneos e, em parte, esquecido pela história. ■